

COMPANHIAS AÉREAS SÃO LASTIMÁVEIS

CRÔNICAS DE VIAGEM

POR MARCOS TORRES

Acabo de fazer uma viagem de Salvador para Curitiba com conexão em São Paulo. O que posso dizer sobre algumas atuais Companhias Aéreas e principalmente os serviços oferecidos por estas é que são um desastre. E olha que se trata de uma das duas maiores do Brasil entre as quatro piores do mundo, pelo menos entre os países ditos civilizados, é o que dizem. Não gosto de estatística. Achava que era outra coisa, truta? Acho melhor se atualizar! É bem verdade que muitas vezes as passagens estão uma pechincha e a segurança às vezes viabiliza a compra e a viagem em relação aos preços das passagens de ônibus e a insegurança nas estradas brasileiras, de toda ordem. Mas, pera lá, parece-me uma justificativa pouco plausível, não acha? Tudo parece girar em sentidos opostos. Então não tem nada de engraçado ou vantajoso nisso. Um paradoxo.

O serviço de despacho de bagagem é uma lástima; os corredores das aeronaves são um verdadeiro corredor do inferno de tão apertados; as poltronas são tão juntas que mal consigo mover os pés e os joelhos, uma desgraça. Antigamente ofereciam uísque doze anos, mas hoje em dia tenho dificuldade de tomar até mesmo um copo d'água. Como a espera é longa, perco a sede, então esqueço. Sou muito otimista mas sempre acho que tudo pode piorar. Caso seja o contrário eu ganho. Vivo nessa indecisão e nada posso fazer. Mas podem ficar sossegados pois o pior vem antes e depois.

Ao chegar no aeroporto eu, na maioria das vezes, já me deparo com as seguintes informações: Voo atrasado, remanejamento na pista, fluxo intenso, previsão de decolagem para tal horário, etc. Outra situação ao mesmo tempo paradoxal e desconfortável é a demora no atendimento aos passageiros e a passividade dos mesmos para com a situação; há um silêncio tão profundo que parece uma marcha fúnebre e, no exato oposto, quando estão dentro dos aviões fazem um barulho infernal. Com exceção daqueles e daquelas que usam seus aparelhos multimídias ou colocam seus fones de ouvido fazendo encerrar qualquer diálogo com o outro ao seu lado.

Antes de despachar a bagagem peço um lacre para fechar o zíper da mala e a atendente diz que está em falta. Não há sequer um travador de plástico. Há escassez de tudo e não há mais lanches e bebidas como antigamente, inclusive água para matar a sede.

Dentro da aeronave parece a barca do inferno construída por Gil Vicente. Todos remando em direção ao purgatório para a glória da fornalha. Corredores apertados para

passar não mais que uma pessoa por vez. O ar condicionado está com a temperatura elevada, mas a frieza está sempre escondida entre os corredores e quase não fica aparente. Tudo parece girar no exato oposto.

Os funcionários andam sempre com um sorriso amarelo no rosto. Mas são sempre muito educados, afinal, não há outro jeito.

Há uma música indecifrável. Há notícias nos aparelhos de notebook que causam certa náusea. Mas o voo parece tranquilo. Também é a única coisa que pode nos salvar dessas asas de condenados. Sejam todos bem-vindos a Curitiba. Amém. Ah, quase ia me esquecendo de pegar a bagagem. Mas para não fugir da regra é preciso paciência: vai demorar. Saio do aeroporto sem olhar para trás para não pensar na volta. Tudo bem! Depois ligo para Gil Vicente e pergunto se há algo melhor para o retorno e para seguir pelo rio e mata adentro.

Passo ao lado do guichê da Companhia Aérea e vejo uma fila interminável e tudo parece nublado. Melhor pensar sobre isso depois para não sofrer por antecipação.